

LUÍS LOUREIRO

'Vou para um grande francês'

Há duas épocas "ninguém" sabia quem era Luís Loureiro. Nem os "grandes" portugueses o detectaram num clube de onde já saíram Petit e Hugo Viana. Esta época, as chamadas à selecção lançaram-no para a ribalta

Entrevista Carlos Matos Gomes
Fotografias Pedro Monteiro

É na Praia Grande, em Sintra, que Luís Loureiro conversa com a Doze. Em tempo de crise, é dos poucos jogadores portugueses a rumarem para o estrangeiro. O processo da sua contratação foi algo moroso e conheceu alguns percalços, mas é mais do que certa a saída do Gil Vicente. O "trinco" que Scolari deu a conhecer aos portugueses vai agora abraçar uma aventura em terras gaulesas, num grande clube francês. Até ao fecho desta edição ainda não era conhecido o nome do clube, mas os campeões costumam reforçar-se com o melhor que há. Em França não será excepção. Será o Lyon? O jogador mostra-se preparado para enfrentar mais um desafio na carreira e, aos 26 anos, quer mostrar que não é só nos grandes clubes portugueses que podem encontrar-se bons jogadores. Há "leões" em França com muito bom faro...

A que se deve esta sua ascensão repentina no futebol português?

Penso que tudo se ficou a dever a uma boa temporada que o Gil Vicente fez e à entrada de um novo treinador para a selecção nacional, que alargou o raio de busca de jogadores a outras equipas e deu oportunidades a outros atletas a fazer boas exibições, que ele não teve problemas nenhuns em chamar.

As convocatórias de Scolari ajudaram-no muito?

Sem dúvida. Estas seis chamadas à selecção principal foram decisivas para o meu futuro.

Acha que se o seleccionador fosse português lhe teria dado estas oportunidades?

Não ponho isso em causa. Veio um treinador novo, por acaso é brasileiro, e deu oportunidade a jogadores que fizeram um bom trabalho nos seus clubes. Sem qualquer problema...

Sente que atingiu o seu mais alto nível de sempre nesta época ou já jogou melhor e ninguém havia reparado?

Já no ano passado a época que fiz pelo Gil Vicente foi muito regular, apesar de o campeonato para a equipa não ter sido tão bom como esta temporada. Também fiz uma boa época e não fui chamado à selecção.

Surgiu um pouco tarde na ribalta do futebol português...

Surgi realmente um pouco tarde. Joguei oito anos no Sintrense, um clube considerado pequeno, e só aos 21 anos é que me transferi para o Portimonense. Tenho dado passos curtos, mas bastante seguros, e tenho aproveitado bem as oportunidades que me têm surgido. Só assim consegui chegar onde estou.

"Veio um seleccionador novo, por acaso é brasileiro, e deu oportunidade a jogadores que fizeram um bom trabalho nos seus clubes"

Onde vai jogar na próxima temporada?

Em França.

E em que clube?

Vou jogar num grande clube francês...

Não houve propostas de Portugal aliciantes para o convencer a ficar?

O que se passou é que os clubes eventualmente interessados não foram muito concretos.

Está preparado para esta nova aventura?

Sinto-me realmente preparado para isto. Vou para fora com muito orgulho e vou trabalhar com muito empenho para dar o melhor de mim.

Falou com alguns colegas seus que jogam em França?

Falei com o Pauleta e com o Caneira, que disseram logo para sair de Portugal. Falei também com o Fernando Meira, que é uma pessoa muito minha amiga e que, apesar de não jogar em França, me aconselhou a sair, porque vai ser ótimo para mim. Disse-me que esta pode ser uma oportunidade única e que eu a devia agarrar.

O Gil Vicente parece ter uma certa propensão para lançar médios de grande valor. Primeiro foi Petit, depois Hugo Viana, agora Luís Loureiro. Que comentário é que isso lhe merece?

Lembro-me perfeitamente que na altura que assinei pelo Gil Vicente e saí do Nacional me disseram isso mesmo. O meu empresário, Manuel Barbosa, tinha propostas de três clubes e foi-me dito que o Gil Vicente já tinha lançado vários jogadores de qualidade. Foi um factor que pesou na minha ida para o Gil, por tudo o que me disseram nesse sentido.

Estes jogadores são todos do meio-campo. O Gil Vicente tem uma forma de jogar propícia para que estes atletas se distingam dos outros?

Não penso que seja isso. A forma de jogar do clube varia de treinador para treinador e cada um tem a sua maneira de pôr a equipa a actuar. Penso que se trata de uma coincidência. Pode lá aparecer um bom jogador em qualquer outra posição.

Como analisa a carreira do clube esta temporada?

Foi uma época muito positiva. O Gil, como toda a gente sabe, é uma equipa que luta para não descer até às últimas jornadas. Este ano, apesar de não termos começado muito bem, lem-



RÁPIDAS

Jogador preferido?

Makelele.

Melhor médio defensivo em Portugal?

Não posso ser eu, pois não? [risos] O Costinha.

E no estrangeiro?

Makelele.

Político em quem mais confia?

No nosso Presidente da República.

Dirigente do futebol que mais aprecia?

Adriano Filipe [presidente do Sintrense].

Prato favorito?

Caldeirada de peixe, mas feita pelo meu tio.

Barcelos, Lisboa, Portimão ou Madeira?

Praia das Maças.

Maior sonho?

Estar presente no Euro 2004.

Ídolo fora do campo?

O meu pai.

Carro de eleição?

O que eu tenho agora: o Audi TT.

bro-me perfeitamente que conseguimos seis vitórias em outros tantos jogos e de forma consecutiva, incluindo uma vitória no Bessa e outra em Alvalade, bastante importantes, porque foram motivadoras. A partir daí continuámos a fazer bons jogos.

Chegaram a pensar em voos mais altos, quando foram apontados como a equipa sensação da SuperLiga?

Chegámos, porque tínhamos uma equipa ambiciosa que era composta por jogadores jovens e mais experientes e que queriam algo mais nas suas carreiras. Quando chegámos ao quinto lugar, ambicionávamos, como é óbvio, manter esse posto, porque era a prioridade, mas sempre de olho no quarto lugar, na altura ocupado pelo Vitória de Guimarães. No final da época, a mudança de direcção e alguns problemas que surgiram mexeram com o grupo de trabalho, o que é normal. Aquele final de campeonato foi um pouco fora de planos, porque desce-mos três posições, mercê de só termos conseguido um empate em seis jogos. Mesmo assim, o oitavo lugar é muito confortável para as aspirações do clube.

A que se deveu a quebra?

Foi a alteração dentro do grupo de trabalho, da direcção, de jogadores [dispensados]. Não estou a dizer que a direcção que entrou é melhor ou pior do que aquela que lá estava. O que houve foi uma mexida que provocou alguma ansiedade no grupo de trabalho.

Algum problema com os ordenados?

Está tudo pago e não houve qualquer tipo de problemas.

O Gil Vicente está condenado a lutar todos os anos para não descer?

O Gil é um clube que está em ascensão. Está agora a terminar a construção de um novo estádio, que vai ajudar muito o clube a afirmar-se no futebol português como uma equipa do escalão máximo. Isso vai ser um factor muito importante para o seu desenvolvimento, porque, havendo condições de trabalho para os seus jogadores e para os adeptos e para tudo o que envolve o futebol, só pode beneficiar o Gil.

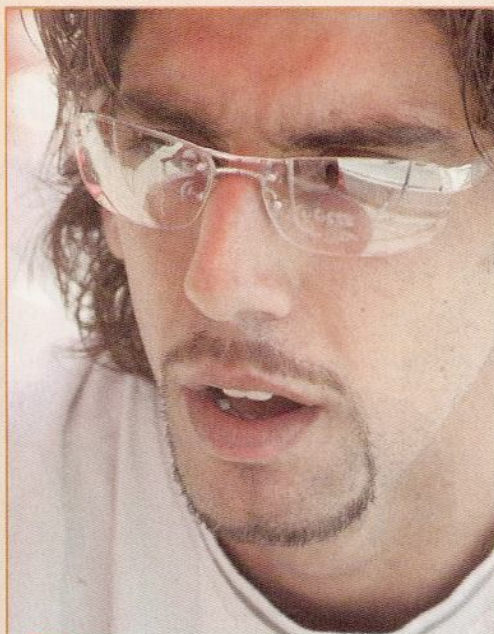
Acha, portanto, que o clube tem a possibilidade de sair do lote de equipas que estão cronicamente apontadas como "potencialmente despromovidas"?

Sem dúvida alguma. O Gil está em ascensão. Tem uma direcção forte e é preciso dar-lhe tempo. O novo complexo desportivo e o novo estádio vão ajudar imenso o Gil Vicente a afirmar-se no futebol português.

Além das infra-estruturas, o que falta ao Gil Vicente para se afirmar definitivamente no panorama futebolístico nacional?

O que falta ao Gil Vicente é o que falta à maioria dos clubes, que são os apoios necessários para o futebol profissional. De certa maneira, muitas vezes, esses apoios não existem. Mas só com os apoios de vários lados é que se conseguem formar grandes equipas.

Mário Reis é o treinador indicado para levar o clube na ascensão de que fala?



"Surgi realmente um pouco tarde. Tenho dado passos curtos, mas bastante seguros, e tenho aproveitado bem as oportunidades"

Não conheço o "mister" Mário Reis, nunca trabalhei com ele, mas, pelo seu passado, acho que tem todas as condições para continuar o trabalho que tem sido feito desde há umas épocas a esta parte.

Concorda com a redução de equipas na SuperLiga?

Não serei a pessoa mais indicada para dizer se será bom ou mau. No entanto, atendendo a todas as dificuldades por que o futebol portu-

guês passa e toda a conjuntura, verifico que os clubes de menor dimensão estão a uma grande distância dos clubes "grandes". Há uma diferença enorme nos seus orçamentos. Tendo isto em conta, não sei se seria benéfico. Poderá ser ou não, o futuro o dirá...

Como comenta o actual ambiente de crise que se vive no futebol português?

A crise que se vive no futebol é internacional. Nós aqui falamos do nosso, mas a crise está instalada em todos os países. Os clubes chegaram a um ponto em que são muitas as dificuldades para suportarem todos os seus compromissos para com os jogadores e não só.

Concorda com as reduções de salários dos jogadores e com os tectos salariais?

Sobre os ordenados dos jogadores, tenho de dizer que cada um fará o contrato que melhor lhe aprouver. Os presidentes dos clubes e as direcções só aceitam se estiverem interessados. Por isso, penso que não há um único clube que seja obrigado a fazer um contrato com um jogador. Depois de o clube assumir as responsabilidades, só tem é de cumprir o que ficou estipulado. Devido à crise que se instalou no futebol, o jogador também poderá, com a sua boa vontade, estudar uma eventual proposta de redução de salários. Depois decidirá se está interessado nisso ou não.

Mas também não é positivo para os jogadores que os clubes fechem as portas.

É sempre mau que clubes como o Campomaiorense, que esteve presente no escalão máximo do futebol português, fechem as portas. Isso nunca é bom, porque é menos um clube onde os jogadores podem exercer a sua profissão. À partida, o leque de escolha para jogar diminui. Quanto à gestão que é feita nos clubes, se um deles fecha é porque não foi muito boa. Mas a crise instalou-se e os clubes pequenos e os que erraram mais na sua gestão sofrem mais e mais depressa as consequências.

O que tem de mudar, particularmente no futebol português, para que isso não aconteça?

Quem tem de dizer isso são as pessoas entendidas no assunto, como os gestores e os presidentes dos clubes. Eles é que têm de saber o que é que preciso mudar. Certo é que isto não é bom, nem para os clubes nem para os jogadores.

Não acha que os jogadores deviam ter um papel mais activo no futebol?

O futebol gira à volta dos jogadores. Penso que nós é que somos os grandes artistas. Temos

"Falei com o Pauleta e com o Caneira [acerca da ida para França], que disseram logo para sair de Portugal"

de ter, na verdade, uma voz activa em assuntos relacionados com o futebol. No que respeita a assuntos de gestão, o jogador não estará preparado para lidar com eles. Mas toda a gente tem a sua opinião, todos os jogadores sabem o que querem e têm de ser ouvidos e respeitados.

Sente que os dirigentes em Portugal tomam, muitas vezes, o protagonismo que devia ser atribuído aos futebolistas?

Isso é uma mentalidade que existe em Portugal e que foi criada ao longo dos anos e nós temos de viver com ela. Apesar de todos os jogadores quererem mudar essa maneira de pensar, a tarefa não se afigura fácil. Mas já se notam algumas mudanças nesse sentido.

Os portugueses que foram jogar para o estrangeiro e que já voltaram a Portugal e aqueles que vão voltar podem ter um papel decisivo nessa mudança?

Sim. Portugal, hoje, já tem muitos jogadores a alinhar fora das suas fronteiras, a disputar outros campeonatos e outro tipo de competições, o que lhes dá uma vivência completamente diferente daquela que teriam se tivessem ficado em Portugal. Isso só é benéfico para Portugal, porque os jogadores que estiveram lá fora, quando voltarem, vão estar relacionados com o futebol e isso só será benéfico para um futuro próximo.

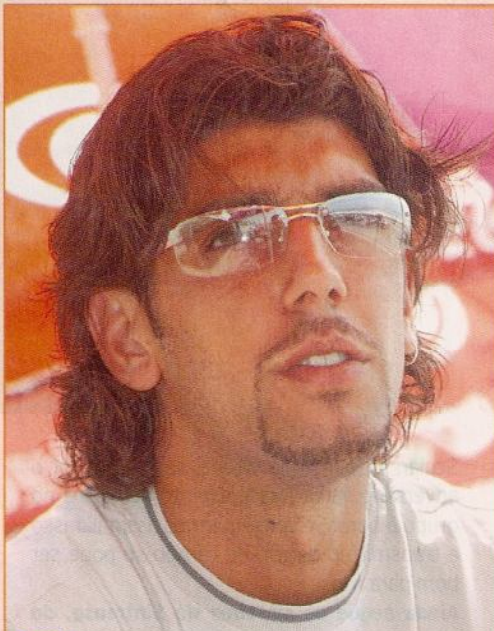
Como foi ser chamado por Scolari na primeira vez que foi convocado?

Realmente, não estava à espera. Lembro-me perfeitamente de que tinha ido jogar a Coimbra, a convocatória já tinha sido feita e eu não constava nela, e vinha para casa com o meu pai a ouvir o relato do jogo com o FC Porto e lembrou-me de que o Costinha, devido a uma infelicidade, teve de abandonar o estádio. Ele tinha de ser substituído e o meu pai disse, em jeito de brincadeira: «Olha, Luís, vais ser chamado.» Disse isto por tudo, pela boa época que tinha feito no Gil e por saber que vinha sendo observado pelos técnicos da selecção nacional. O professor Agostinho Oliveira já me tinha falado nessa possibilidade. Quando o meu pai brincou comigo, eu respondi-lhe que, se havia tantos jogadores na SuperLiga, porque é que eu haveria de ser chamado. Aquilo passou, e no dia seguinte recebi mesmo a notícia de que tinha sido chamado. Fiquei um pouco surpreso, porque tinha esperança de ser convocado, mas não tão cedo.

Quando o telefone tocou, não acreditou logo no que lhe diziam?

Pensei que fosse mesmo uma brincadeira, porque tenho amigos meus que costumam brincar com essas coisas e pensei que fosse uma partida. Só depois de falar o Carlos Godinho [manager da selecção nacional] é que acreditei. Primeiro deixou-me uma mensagem e, depois de falar com ele, é que vi que tinha de me despachar para me apresentar ao meio-dia no hotel.

Hoje, os telefonemas da Federação Portuguesa de Futebol já são recebidos mais a sério?



"O Gil é um clube em ascensão. Está agora a terminar a construção de um novo estádio, que vai ajudar muito o clube a afirmar-se no futebol português"

Hoje, já são recebidos como uma realidade, em virtude de ser chamado com mais frequência. **Como é conviver com as maiores "estrelas" portuguesas?**

Ao início, na primeira convocatória, eu conhecia alguns dos jogadores que alinham no campeonato português. Não conhecia aqueles que actuam lá fora. A ideia que nós temos do Figo e do Rui Costa fez com que entrasse um pouco timidamente, mas depois de entrar no grupo

fui muito bem aceite e encarei aquela convivência com naturalidade. Eles são pessoas como todos nós...

Criou-se uma grande novela em torno de Deco na selecção. Como é que o grupo viveu o "caso"?

Aquilo de que se falou na comunicação social não correspondia ao que se passava dentro do balneário, não se contou a realidade. Sobre a naturalização do Deco, eu cheguei a perguntar se todas as pessoas que estavam contra essa possibilidade e contra a respectiva chamada de Deco e se por acaso ele entrasse no jogo com o Brasil e marcasse haveria algum português que não ia comemorar. Por ironia do destino, o Deco marcou mesmo e tenho a certeza de que não houve um único português que não se levantasse para comemorar o 2-1, que nos deu a vitória sobre o Brasil. Por isso, acho que se fazem tempestades em copos de água e se criam muitas confusões onde elas não existem. No seio do grupo não houve qualquer problema, pelo menos que eu notasse.

Já se habituou à ideia de ser um internacional português?

Sim, agora, tenho essa mentalidade, porque o "mister" Scolari já me chamou por seis vezes e em todas elas me colocou a jogar. O meu pensamento é trabalhar cada vez mais, para continuar a ser chamado e corresponder àquilo que o treinador quer de mim.

Que impacto trouxe para a sua vida particular e profissional o facto de ser uma figura, agora, mais conhecida?

Desde que comecei a ir à selecção nacional, as pessoas reconhecem-me mais na rua. Por um lado, é muito bom. Apesar de eu não ser um jogador muito conhecido, faz sempre muito bem ao ego ser reconhecido e certos comentários. Por outro lado, perde-se um pouco a privacidade, mas isso faz parte do mundo do futebol. As pessoas reconhecem as figuras que vêm na televisão e nós só temos é de aprender a viver com isso, com naturalidade.

Luiz Felipe Scolari é o treinador duro de que se fala?

O "mister" Scolari é um homem "terra-a-terra". É uma pessoa que gosta de trabalhar bem, mas também dá a liberdade necessária aos jogadores. Falar de um treinador que foi campeão do mundo é sempre redundante, porque ele já ganhou o maior troféu dentro do futebol... Já ganhou muita coisa.

E ele consegue transmitir essa mentalidade ganhadora ao grupo?

Galo de crista em Sintra

Foi com pezinhos de lã que Luís Loureiro começou a sua carreira futebolística. Fez toda a formação no Sintrense, nunca tendo representado nenhum clube de nomeada na sua juventude. Foram oito anos em Sintra, terra natal e cantinho que escolhe para descansar, sempre junto dos amigos. É na praia das Maças que encontra todo o equilíbrio necessário para poder enfrentar as vicissitudes do futebol. Era uma cara desconhecida da maioria dos portugueses, até daqueles que seguem com maior frequência este desporto. No entanto, desde a sua chegada que Luiz Felipe Scolari tem apostado em jogadores de valor, independentemente do clube onde actuam. Luís Loureiro fez a sua estreia frente à Itália, nos segundos 45 minutos duma partida que Portugal perdeu por um golo. O médio gilista entrou para ocupar o seu lugar natural: "trinco".

Na sua primeira temporada na equipa de Barcelos conseguiu repetir o êxito já alcançado por outros jogadores que também envergaram aquela camisola, casos de Petit, agora no Benfica, e de Hugo Viana, no Newcastle, mas foi na segunda que se afirmou definitivamente, ou, pelo menos, só agora repararam no seu talento. O jogador aposta também na saída do país para poder alcançar outro nível, mas reconhece que teve propostas portuguesas, que declinou.

Não é um concretizador nato, mas preenche o meio-campo com um vigor extraordinário. O à-vontade com que entrou frente à Itália mostra tratar-se de um jogador maduro e sem receios de encarar os desafios mais árduos. Começou a carreira no Sintrense (II Divisão B), passou um ano em Portimão (II Divisão B) e chegou à II Liga com as cores do Nacional da Madeira. Na época 2001/2002 mudou-se para Barcelos e em duas temporadas é o maior activo do clube, que pode embolsar uma significativa quantia com a venda do jogador. Em França aguardam-no...



Scolari só pensa na vitória, seja quem for o adversário. Incutir esse espírito de vitória no grupo é bom. Se conseguirmos assimilar isso e transmiti-lo dentro de campo só pode ser bom para nós.

Ainda segue as carreiras do Sintrense, do Portimonense e do Nacional, clubes que já representou?

Sigo. Todos me marcaram um pouco e me ajudaram a chegar aqui sempre a crescer, não

do. Torci por eles. É um clube muito especial. Trabalhei em Portimão apenas um ano, mas gostei muito de lá estar. Esteve até à última jornada a lutar pela subida à SuperLiga e não o conseguiu. Merecem estar neste escalão, pela cidade e pelas pessoas de Portimão. O Sintrense é um clube onde passei oito anos da minha carreira e esta temporada subiu à II Divisão B. É o clube que levo sempre no coração, seja para onde for. Foram oito anos numa casa onde ainda hoje sou aca- rinhado por toda a gente. Estiveram lá numa altura crucial da minha carreira. Ajudaram-me desportivamente e na minha vida particular, como homem.

O que dizer da prestação do FC Porto esta temporada?

O FC Porto foi uma "superequipa", que conseguiu reunir jogadores de grande nível e com um excelente líder, que é José Mourinho. Tiveram, desde o início, o espírito vencedor e foi assim que entraram em todos os jogos. Acho que o FC Porto, apesar de o Benfica se ter aproximado na ponta final, também com uma equipa forte, foi um "super-FC Porto" e esteve sempre muito longe das outras equipas da SuperLiga. Está de parabéns, por todos os títulos que conquistou!■

“Devido à crise que se instalou no futebol o jogador também poderá, com a sua boa vontade, estudar uma eventual proposta de redução de salários”

só a nível desportivo como também como homem.

Como avalia as performances dessas equipas na última época?

O Portimonense foi uma pena não ter subi-